

«HÁ ESPERANÇA? O FASCÍNIO DA DESCOBERTA»

11. «Mas dizem-me que é tolice dizê-lo»

«A única verdadeira tolice é forçar o real dentro do horizonte estreito do nosso “já sabido”, é achar que já sabemos tudo, ditando os limites do possível, e então não esperar nada. “Tenho a impressão”, diz o atribulado protagonista do último romance de Michel Houellebecq, “de que, mesmo quando se mergulha na verdadeira noite, na noite polar, aquela que dura seis meses seguidos, ainda subsiste o conceito ou a lembrança do sol. Eu havia entrado numa *noite sem fim*, mas ainda subsistia alguma coisa dentro de mim, bem menos que uma esperança, uma incerteza, digamos. Também se pode dizer que, mesmo quando pessoalmente a gente já perdeu a partida, quando já jogou a última carta, alguns [...] ainda acalentam a ideia de que *algo lá no céu* vai anular a mão, [...] e isso apesar de nunca terem vislumbrado, em momento algum da vida, uma intervenção, nem sequer a presença de uma divindade qualquer, apesar de terem plena consciência de que não merecem especialmente a intervenção de uma deidade favorável, e apesar de saberem que, a julgar pelo acúmulo de erros e falhas que constitui sua vida, merecem menos que qualquer um”. A única verdadeira tolice é negar a possibilidade do evento. A esse respeito, Giussani fala de um verdadeiro “delito contra a suprema categoria da razão, a categoria da possibilidade”».

(J. Carrón, *Há esperança? O fascínio da descoberta*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2021, pp. 58-59)

Como você vive seu dia entre o imprevisto e o “já sabido”?

Lembramos que é possível mandar perguntas e testemunhos no site <http://eventi.comunioneliberazione.org/gcontributi/>